

197

ESPÓLIO PINTO QUARTAN

N.º 1504

B.510

# A acção dissolvente das touradas

POR

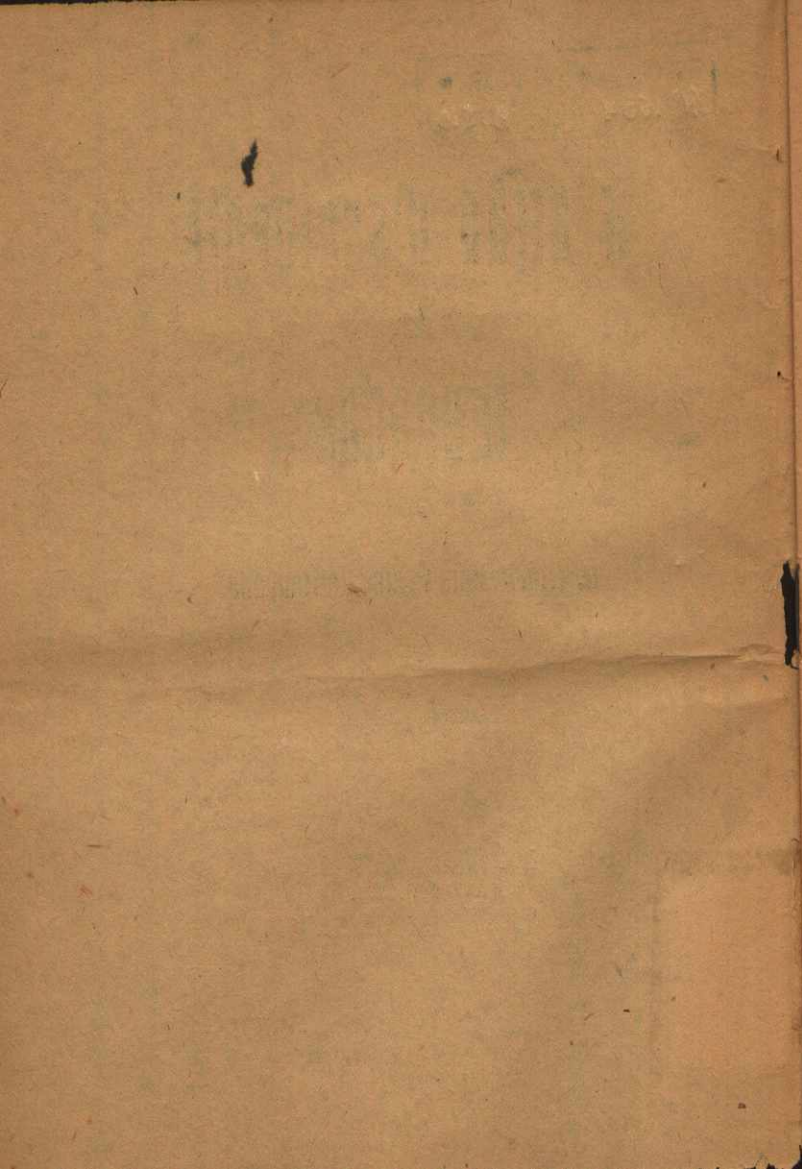
D. Vitória Pais Freire de Andrade

---

- - COMPOSTO E IMPRESSO - -  
- - - - NA TIPOGRAFIA - - - -  
- DE A BATALHA -  
CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2.º  
- - - - LISBOA - - - -

C.S.

B.510



*As ser pronunciada esta notável conferência, no dia 29 de Março de 1925, nas salas da Associação de Classe de Empregados de Escritório, surgiu logo do auditório a ideia de que era um dever propagá-la, integralmente, por meio da imprensa.*

*O Suplemento Ilustrado de «A Batalha» fez já a sua publicação. Mas não basta. A conferência merece mais. As excelentes afirmações, a bela doutrina, a filosofia social expostas são bem dignas de uma maior expansão de publicidade, porquanto a «LUTA CONTRA AS TOURADAS» deve ser grande, continua e profunda, e em TÔDAS as camadas sociais.*

*Foi nesse sentido que a Associação de Classe de Empregados de Escritório, a Associação de Professores de Portugal, a Câmara Sindical do Trabalho de Lisboa, a Confederação Geral do Trabalho, o Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas, o Grupo Anarquista «O Semeador», o Sindicato do Pessoal do Arsenal do Exército, o Sindicato do Pessoal do Arsenal da Marinha e Cordoaria Nacional, a Universidade Livre e a Universidade Popular Portuguesa resolveram editar em «separata»*

esse magnífico e bem deduzido ataque ao bárbaro e selvático espectáculo que constituem as diversões tauromáquicas.

Outras entidades e associações a quem os iniciadores se dirigiram, tais como a Associação de Classe dos Compositores Tipográficos, a Associação de Instrução às Classes Trabalhadoras, a Liga de Defesa dos Animais, a Liga Pró-Moral, o Sindicato dos Chauffeurs do Sul de Portugal, o Sindicato Único das Classes Metalúrgicas, o Sindicato Único dos Manufactores de Calçado, o Sindicato Único dos Operários das Classes Mobiliárias, o Sindicato Único dos Operários da Construção Civil, a Sociedade de Instrução e Beneficência «A Voz do Operário», a Sociedade Naturista Portuguesa e a União do Professorado Primário Oficial, se não figuram, expressamente, no número dos editores, é devido à falta de tempo que tiveram para nos darem uma resposta officiosa, e não, é evidente, por contrárias aos princípios tam proficentemente defendidos e apresentados pela distinta professora D. Vitória Pais Freire de Andrade.

---

# A acção dissolvente das touradas

---

E' grave, muito grave, o momento que estamos atravessando. O organismo social a que pertencemos começa já a apresentar evidentes sinais de decomposição, sendo urgente, muito urgente mesmo, que uma grande brigada sanitária se organize para opôr à infecção, que nos ameaça subverter, uma resistência que possa, pelo menos, evitar que o mal se desenvolva mais, contaminando alguns órgãos que ainda se encontram sãos, se não puder deter por completo todos os seus efeitos perniciosos.

Muitas vezes se sacrifica um órgão para se salvar o todo a que êle pertence, não sendo porisso de estranhar que em assuntos de ordem social como êste, que nos propomos tratar, seja mister sacrificar alguns dos belos princípios que defendemos, para fazer triunfar outros que, se não são mais belos, visto que todos visam o mesmo ideal de perfeição, são pelo menos basilares, e por tanto indispensáveis para alcançarmos a estrada do verdadeiro progresso que pretendemos trilhar.

Exemplifiquemos: O ideal educativo, considerado no seu mais lato sentido, pressupõe o individuo de tal forma perfeito que nem a mais pequena violência é tolerada pelo seu superior carácter, nem por consequência a ninguém ela é imposta. Compreendendo todos, sem sombra de sofisma, quais os seus direitos e os seus deveres, desnecessário se torna a mais pequena imposição de força, sintoma sempre evidente de uma falta de equilibrio, que é mister evitar, visto que para êsse equilibrio ten-

dem todos os seres que a natureza nos apresenta. A tendência para o equilíbrio é um facto tam natural que até na própria terra ela se nota constantemente, com as suas transformações evidentes; transformações que se não tornam muito apreciáveis na vida de algumas gerações. Ora, se as transformações de todos os seres são inevitáveis, porque são uma consequência da evolução natural ou da tendência para o equilíbrio, evidente se torna que elas se dêem também nos organismos sociais, e que estes, formados por seres que têm a faculdade de pensar e portanto de ter a consciência dessas transformações, têm o dever de intervir nelas, activando-as no sentido do bem estar colectivo, e não no de lhes opor obstáculos que as façam deter ou regressar com prejuizo da felicidade humana. Considero que os que assim procedem desta última forma são seres anormais, que responsabilidade alguma podem ter, mas entendo que, para contrabalançar os efeitos perniciosos dos seus actos, necessário se torna que todos aqueles, que pelas demonstrações ao seu superior carácter formem realmente a parte consciente da colectividade, se unam imediatamente na grande brigada que lhes disse ser urgentíssimo organizar. E, se assim não fizerem, ficam sujeitos à justa maldição dos vindouros, as inocentes vítimas da defectuosa organização que a sua indolência não soube modificar. Não bastam palavrinhas bonitas, porque estas há muito que mostraram a sua falência, se não forem acompanhadas de acção. Não se pode chamar bom a um indivíduo pelo facto de não prejudicar ninguém. E' preciso mais, muito mais: é preciso que a sua bondade vá até ao ponto de evitar que haja quem prejudique os outros, empregando nesse sentido tôda a actividade possível.

Pois bem, dito isto, e entrando pròpriamente ao assunto que me proponho tratar, procurarei também demonstrar que quasi todos nós vamos sendo já um pouco criminosos, porque, reconhecendo os males de que enferma a sociedade, nos temos quedado em piegas lamentações, em vez de, num gesto forte e viril, nos erguermos, prontos para uma luta que, travada com disciplina e ordem, não dará, é certo, resultados apreciáveis num curto espaço de tempo, mas será de efeitos seguros para aqueles que nos vierem substituir. E quem haverá para ai tam egoísta que não empregue de boamente os seus esforços numa obra que não lhes aproveitará directam-

mente, mas que ha-de beneficiar-lhe os filhos, os netos, ou os descendentes dêstes?

A abnegação é uma das mais belas manifestações da natureza humana, e, por isso, mãos à obra, que a satisfação do dever cumprido será o melhor prêmio de consolação que encontraremos na quadra invernos da nossa velhice.

A indiferença de todos ou quasi todos por este momentoso problema da felicidade humana tem sido de tal forma pavorosa que os tais irresponsáveis a que já me referi, dando largas aos seus instintos naturais, tudo têm contaminado, vendo-nos nós agora em sérias colições para saber qual o lado por onde devemos começar o ataque, tal a intensidade e extensão com que os elementos deletérios têm penetrado o organismo social.

Como as mais elementares regras da pedagogia nos dizem que o meio influi poderosamente no individuo, comecemos pelo saneamento do meio, atacando todos os seus factores dissolventes, e teremos dado um grande passo no caminho da regeneração humana.

São muitíssimos, muito mais mesmo do que à primeira vista se julga, os factores que contribuem para a miséria moral em que nos debatemos, fazendo às vezes do ser humano um verdadeiro monstro e não o animal de sentimentalidade superior que tem a obrigação de ser. Como me é impossível, nesta simples exposição, fazer uma referência ainda que muito ligeira a todos esses factores que julgo perniciosos para a perfeição humana, vou falar simplesmente da acção dissolvente de um deles que, se o não julgo de uma maneira absoluta o mais deseducador de todos, é, sem dúvida nenhuma, um dos que mais têm concorrido para o embotamento da nossa sentimentalidade tam indispensável para a compreensão dos sofrimentos alheios.

Refiro-me às *touradas* — essa vergonhosa tradição que o passado nos legou, e que ainda hoje, infelizmente, há quem se orgulhe de defender, como sendo uma das nossas mais belas recordações de um tempo que elles também querem que seja muito honroso, mas que a sciência histórica de hoje nos diz ser, por vezes, bem pouco dignificante como herança moral.

E' para nos opormos a esses obcecados, que não comprehendem ou não querem comprender quanto esses espectáculos são grosseiros que eu não vacilo em admitir proibições — parecendo querer calcar o principio da Liber-

dade que tanto venero — mas com o fim único de evitar um mal que a todos atinge. Contrária por natureza e por educação a tôdas as violências, eu, neste caso, não duvido um só instante de que se deve trabalhar com todo o valor para evitar a exhibição das touradas, ou que pelo menos se proíba que criancinhas ainda inocentes, ainda livres do contágio dos sentimentos grosseiros, se conspurquem em tal ambiente. E' neste ponto que eu acho que é aceitável o sacrificio de um principio tam bello para implantar outros não menos bellos também e de efeitos mais sólidos. Isto é, deixa-se um pouco no olvido o direito que cada pai tem de levar os filhos onde melhor lhe parecer, pelo facto dêstes pais se mostramem ignorantes do que seja a perfeição humana, e para salvar-lhes os filhos de um contágio tam pernicioso. O ideal seria que cada pai fôsse tam consciente da sua missão que nenhuma lei fôsse precisa para lhe ensinar o papel de guia natural do filhinho querido; mas enquanto êsse ideal se não alcança, e como o mal por agora se apresenta com sintomas tam alarmantes, temos de empregar todos os meios de salvação do todo, sem olhar aos órgãos que temos de sacrificar, refinando todos os nossos esforços para que, ao menos, seja prohibido que menores possam frequentar as touradas. Dar-lhe-famos assim um verdadeiro golpe de morte, podem crer; porque muita gente que hoje frequenta as touradas, mais por luxo e por inconsciência da sua acção deletéria do que verdadeiramente por afeição à arte dos brutos, não deixaria de reflectir sôbre o caso de que os educadores do seu país tinham trabalhado no sentido de subtrairem os seus filhinhos à assistência daqueles espectáculos, e possivelmente deixaria de as frequentar também.

Mas eu creio que, se a massa consciente quiser acordar de vez, como parece querer, do seu letargo de há tempo e ocupar sem demora o lugar que lhe compete nas fileiras das lutas em prol do bem estar colectivo, nem tais leis serão precisas, ou por muito pouco tempo o serão, porque as touradas hão-de ser suprimidas por falta absoluta da principal matéria prima — o público.

As touradas, onde se comete a infâmia imprópria dos nossos dias de gozar com o sofrimento de outrem, assim como todos os espectáculos selvagens que as precederam, estão na razão inversa da civilização. Civilizemo-nos devidamente e elas desaparecerão por completo.



Volvamos os olhos ainda que muito rapidamente pelo que nos diz a História do nosso país, passemos a vista também pela História das antigas civilizações gregas e romanas, desçamos mesmo até à pré-história para melhor fundamentarmos os nossos argumentos, e veremos a que conclusões chegamos.

O homem no seu estado primitivo era um ser muito rudimentar sob o ponto de vista da inteligência. Envolto nas trevas próprias de quem desconhece tudo o que o rodeia, sem poder ainda encontrar explicações para tantos fenómenos que se produziam, o primeiro facto que se lhe tornou patente, aquelle que possivelmente primeiro compreendeu, foi o de que entre todos os seres que o rodeavam se dava sempre o triunfo do mais forte contra o mais fraco. No estado de pura animalidade em que se encontrava, só a força lhe infundia respeito, porque só esta lhe assegurava um pouco do bem-estar de que tanto necessitava. Compreende-se perfeitamente como o homem das cavernas, completamente abandonado à fúria dos elementos naturais e dos animais ferozes, tivesse que empregar tôda a sua força e a sua astúcia para conquistar uma pequenina parcela das comodidades que a muitos hoje é já dado gozar. Foi êle sem dúvida o rude cabouqueiro dos alicerces da actual civilização, muito embora usando as armas e os processos grosseiros próprios da sua mentalidade e dos obstáculos a vencer. Nesta conformidade, teve que declarar guerra sem tréguas aos animais que lhe contrariavam os seus designios, visto que não tinha ainda abrigos seguros para dêles se defender, e, mais tarde, perseguia muitos dêles para se apoderar da sua carne como alimento, das suas peles para vestuário e dos seus ossos para diversos utensílios de uso prático e até para objectos de adôrno. Assim, teve de lutar muitas vezes com o touro, e de preferência o procurava vencer, em vista do especial sabor da sua carne e da grande utilidade da sua pele.

A civilização foi-se cimentando devidamente, o homem, fadado pela natureza para os grandes cometimentos artísticos e scientificos, foi desenvolvendo a sua inteligência, e as primeiras civilizações da humanidade começam a surgir com todo o brilho próprio da sua época, mas sem que a parte selvagem que lhes serviu de base se tivesse apagado por completo. Chegamos assim às célebres civilizações gregas e romanas e vemos que os homens que as produziram, ao lado das suas

altas concepções artísticas e filosóficas, deixam medrar impunemente os restos da barbarie que as precedeu. Barbarie que nos primeiros tempos da humanidade foi muito justificada pelo instinto da conservação e pela falta de todos os confortos materiais, quasi sempre geradores de maus pensamentos, mas já difficil de comprehender numa época, em que os homens tinham da arte, a deusa sublimadora por excelência, uma tam alta comprehensão que produziram monumentos cujas ruínas causam ainda hoje o encanto de quem tem a dita de as admirar. E estes homens, tanto gregos como romanos, conservam ainda nos seus costumes o hábito de lutar com as feras, não já por necessidade, mas por mera intuição de que era preciso conservar o instinto selvagem para manter sempre bem vivo na massa popular o ardor guerreiro indispensável para a realização do seu sonho de dominadores. Portanto, até certo ponto, era comprehensível este estado de coisas na época das civilizações gregas e romanas; mas hoje, passados já tantos séculos, depois da inevitável evolução social se ter acentuado tam nitidamente, depois das vantagens do pacifismo serem tam evidentes que espirito algum bem intencionado será capaz de as constatar, ¿ ainda será preciso manter o ardor bélico das massas populares? Estou convencida de que não; e de que todos aqueles que defendem tradições selvagens, como manter entre nós as touradas — ou são os tais inconscientes, a que já me referi e que é necessário impedir de agir, para evitar prejuizos maiores, ou mal intencionados, a quem temos o dever de exigir responsabilidades. Precisamos assegurar a felicidade a todos os seres humanos; mas não é desenvolvendo sentimentos de desamor para com os animais, mas sim ideas de bondade, que isso se poderá conseguir. Lançando-se pois os olhos pelo passado, vemos claramente que a luta entre os homens e os animais se dá primeiro como consequência do instinto da conservação, e que essa luta mais tarde é continuada conscientemente com o fim de manter treinados para a luta os povos que pretendem aniquilar outros pela força, chegando até aos nossos dias os ecos desses terríveis combates dos circos romanos, nas exhibições dessa velharia que devia envergonhar um povo que se diz civilizado, mas que no fundo está ainda muito longe de o ser e continuará a estar enquanto no seu meio consentir espectáculos em que se faça a apolo-gia da embriaguez do sangue. Numa época em que, por

todos os lados, se deviam difundir os princípios da bondade e do respeito por todos os seres, como justificação da superior inteligência que a natureza concedeu ao homem, haver quem se compraza em ver sofrer animais sem utilidade para ninguém, excitando o povo até ao ponto de o tornar capaz de todos os atropelos, embrutecendo-lhe o cérebro, é um crime de lesa-humanidade, que todos nós temos obrigação de evitar, se queremos que as ideas do bem frutifiquem como é mister.

As touradas, pois, como acabamos de ver, são uma continuação dos combates de homens com as feras, com que os antigos muito se compraziam, ficando-nos sem dúvida essa bela recordação do domínio dos romanos na região que ocupamos. Depois dos romanos, creio que também os árabes vincularam bastante entre nós o prazer das touradas, visto que apreciavam imenso os combates dos bois com os cães. Diz-se que as *touradas* foram sempre um divertimento querido dos portugueses, o que constitui uma grande dignificação para aqueles que se orgulham das suas qualidades guerreiras; mas aqueles que examinam hoje os factos à luz da razão vêem nessa preferência sòmente, tal qual como acontecia entre os romanos na época da sua decadência, um belo pretexto para acalmarem os protestos que o povo poderia fazer em face dos desmandos dos senhores. Abafavam-lhes esses protestos, atirando-lhes com o pão indispensável para lhes enganar a fome e com espectáculos estonteantes nos circos para lhes embrutecer os espíritos. E' que, para haver dominadores, é preciso haver a massa bruta que se deixe dominar, e para embrutecer as massas populares nada mais próprio que os espectáculos sanguinários de tôdas as épocas, de que as touradas são, nos nossos dias, as dignas continuadoras.

Rearando neste ponto a nossa digressão histórica pelo que têm sido as touradas entre nós, vemos que todos os seus aficionados régios e as épocas em que maior fulgor tiveram esses espectáculos representam valores negativos sob ponto de vista de civilização.

Segundo os depoimentos de Alexandre Herculano, nos primeiros tempos da nossa nacionalidade, naquele período de indecisão, falho de episódios morais, como acontece quasi sempre nos periodos confusos das sociedades em começo de organização, já havia, como não podia deixar de ser, o gosto por aqueles belos espectáculos, e que alguns dos nossos reis, como, por exemplo,

D. Sancho II, tinham o prazer de correr touros. Este rei dedicava-se ao exercício de toureio num quintal fechado que possuía.

Chega-se depois à época de D. Denis, com os seus progressos materiais e morais, e vemos que este rei, assim como todos os seus sucessores até D. Duarte, não se preocupa com touros, e que as touradas, se por acaso se fazem, decorrem sem entusiasmo de maior. Com D. Duarte começa a surgir o gosto pelos touros, até que D. Afonso I manifesta por elles decidida simpatia. Neste momento, tinha-se organizado e consolidado a independência do continente de Portugal e nascia o sonho de Africa. Os guerreiros eram novamente precisos para o realizar, e daí a necessidade de acordar nos portugueses os instintos belicosos das primeiras épocas. Assim, no século XV se realizam já muitas touradas, ficando memoráveis as que se realizaram em Evora e em Lisboa nos festejos do casamento de D. Leonor, irmã de D. Afonso V, segundo afirma Rui de Pina na crónica daquele rei.

No tempo de D. João II, o mesmo entusiasmo continua, dizendo-se que o próprio rei era também um grande apaixonado por aqueles divertimentos.

Também ainda desta vez o paralelo é perfeito. Um rei que mostrou tantos requintes de ferocidade na vingança dos seus inimigos devia gozar com espectáculos daquela natureza. Está completamente certo. D. Manuel I, cujos sentimentos pouco elevados estão de há muito demonstrados até pela sua proverbial ingratidão para com todos aqueles que mais concorreram para o grande fausto em que decorreu todo o seu tempo de monarca *venturoso* e nada mais, foi também grande toureiro como nos relata o nosso Damião de Góis, que justifica esta sua predilecção com o facto de ter uns braços tam compridos que lhe chegavam por baixo dos joelhos, quando de pé os deixava pender aos lados do corpo.

Tinha razão o illustre cronista; tal sintoma devia indicar um fenómeno de regressão, que lhe fazia apreciar os prazeres selvagens dos seus primitivos ascendentes.

No tempo da Inquisição, o maior prazer dos nobres, o espectáculo que mais os divertia, era um auto de fé fornecido de judeus; por isso as touradas, as caçadas e outros divertimentos similares foram as características inconfundíveis de uma nobreza dessorada, que em breve se desmascarou com a negociata dos Filipes.

D. Sebastião, o desequilibrado que em Alcácer-Kibir finalizou, foi também, como não podia deixar de ser, um rei tourreiro e a sua época uma daquelas em que com mais solenidade se realizaram touradas. Numa que se realizou no ano de 1575, em Xabregas, defronte dos Paços da Rainha, em honra do próprio monarca, martirizou-se de uma forma crudelíssima o touro com rojão e garrojão, para gaudío de toda a fidalguia que a ela assistiu e que assim dava dessa fidalguia uma tam baixa nota. Até mesmo sua majestade notabilizou-se nessa tourada pela maneira como martirizou o pobre animal que lidou com o seu rojão; e a sua audácia foi de tal forma aplaudida que — segundo refere o Conde de Sabugosa no seu livro os «Embrechados» — a coragem como D. Sebastião nessa tarde infligiu a morte do touro foi considerada o seu último triunfo! E não nos deve causar pasmo que assim pensassem os homens daquele tempo, visto que, ainda hoje, os mesmos actos se repetem entre nós, havendo quem tenha o desplante de os aplaudir e defender. Contudo, é tempo de dizermos que já naquela época se começava a formar um espírito de reacção contra o exercício de tais selvagerias, e que em 1566 o papa Pio v havia publicado uma bula «determinando que acabassem as touradas pelas muitas vítimas que delas derivavam». Lançou mesmo a excomunhão a todos aqueles que as realizassem dentro da cristandade. Apesar-disto, entre nós voltaram a realizar-se em 1573, por efeito de uma bula pedida a Gregório xiii, que as consentiu sôb duas condições: primeira, não só correrem animais sem as pontas cerradas, donde vem o costume da embolação de hoje; segunda, só serão corridos na presença do monarca. D. Sebastião, porém, nem uma só destas disposições respeitou, e nisto mostrou uma certa coerência, porque, realmente, não faz sentido que o homem, o ser superior por excelência, vá lutar com um animal inferior, privando-o das suas defesas naturais. Contudo, D. Pedro ii em 1676 ordenou que aquelas disposições fôsem mantidas, e em 1684 intimou as autoridades para que procedessem contra todos aqueles que as não respeitassem. Tanto êste rei como seu irmão foram grandes entusiastas das touradas, o que fez com que D. Maria Francisca Isabel de Savoia tivesse por elas uma grande aversão, devido sem dúvida ao facto dos dissabores constantes que daqueles meios corruptos lhe advieram para o seu amor próprio de mulher e de esposa. Empregou para isso

todos os esforços possíveis para as eliminar, e o seu ardor feminino, sempre invencível quando se dedica de alma e coração à causa que pretende vencer, consegue a supressão das corridas, excepto nas festas realizadas por ocasião do nascimento dos príncipes franceses. Porém, esta proibição, com tanto afan conquistada, pouco lhe sobrevive, e quando surge o reinado de D. João v, com todo o seu desregramento de luxo e depravação, as touradas voltam a realizar-se com grande frequência, como sintoma evidente da dissolução dos caracteres.

Portanto, mais uma vez a observação dos factos históricos, isto é, o estudo dos factores sociais de várias épocas nos provam que o maior ou menor interêsse pelos espectáculos grosseiros tem uma relação muito íntima com o estado mais ou menos progressivo da sociedade a que dizem respeito. No tempo do rei Magnânimo, as touradas realizavam-se tão amiudadas vezes e eram tão frequentadas pelos lisboetas que até um frade xabregano, Frei João de Nossa Senhora, tipo de poeta popular, as verberou em seus versos, julgando-as motivo de perdição para o género humano. Era sem dúvida com intuitos religiosos o combate que lhes fazia, mas nem por isso esse combate deixa de mostrar o começo da intuição do aspecto dissolvente que elas sempre tiveram, e que ainda hoje têm com muito mais agravantes. D. João v não era toureiro como seu pai e como seu tio, mas o seu espírito tacanho não podia deixar de deleitar-se com espectáculos de tal natureza, sendo no seu reinado que as corridas de touros atingiram o seu maior esplendor, esplendor que se prolongou ainda pelo reinado seguinte, onde as esperava a figura austera do Marquês de Pombal tentando lançar-lhes o seu camartelo demolidor. Por ocasião do casamento de D. João v, realizou-se no Terreiro do Paço uma tourada que ficou memorável pelo luxo que nela se exhibiu e porque nela se deu alforria a muitos cativos, como era de uso então. A última corrida que se realizou no seu tempo teve lugar numa praça que propositadamente se construiu na Junqueira, ficando também memorável pelo luxo e pela baixeza de sentimentos — duas manifestações sociais muito afins — que ali se observaram.

No tempo de D. José, como já disse, continua o entusiasmo pelas touradas, não sem que o Marquês de Pombal mostrasse por elas o seu desacordo, pois que ao seu grande espírito de reformador não passou desper-

cebida a acção deletéria que as touradas exerciam nas massas, que elle pretendia orientar fundando-lhes as suas primeiras escolas. São notórios os seus protestos contra a nobreza de então, que nas touradas se matava tão estupidamente numa occasião em que o país tanto necessitava dos seus serviços.

D. Miguel, o último sustentáculo do absolutismo, o verdadeiro germen do terrível individualismo, tornou-se também notável pelo seu entusiasmo pelos touros, indo muitas vezes tourear em Salvaterra. No seu tempo, os duques do Cadaval ofereciam os seus touros para as touradas que constantemente se realizavam em Muge, mas logo que acabou o miguelismo foi expressamente prohibido correr touros da casa daqueles titulares. E' também D. Miguel quem, com o pretexto de realizar uma tourada em beneficio de uma obra de caridade, manda construir a antiga praça de touros do Campo de Sant'Ana, no local onde hoje se encontra a nossa Escola Médica. Dava assim largas ao seu instinto selvagem de gozar martirizando outrem, com a agravante de se mascarar com o manto radioso da caridade, árvore doirada que, na maioria das vezes, encerra no seu interior os mais venenosos intuitos. E, como as raízes das plantas daninhas são as que mais perduram, aí estamos nós ainda hoje assistindo a essa constante mistificação de touradas reallzadas em beneficio de obras de caridade. Obra de caridade bem entendida seria a do respeito por todos os seres que sofrem e não a obra de prazer diabólico que tentaram, e em parte conseguiram realizar, de matar animais indefesos com verdadeiros requintes de ferocidade! Tanto barbarismo, em nome dessa figura dos tempos passados — a caridade — admitida por todos aqueles que aceitavam o preconceito dos senhores e dos vassallos, dos que tinham a missão de dar e dos que tinham a missão de receber. Essa figura não pode já hoje ser invocada, seja a que pretexto for; é tempo de a relegarmos para os museus respectivos, fazendo brilhar, com o fulgor próprio de um sol que a todos pretende iluminar igualmente, a figura radiosa da Solidariedade Humana, nivelando todos os homens com o seu doce amplexo de carinho e amor.

A praça de touros do Campo de Sant'Ana teve, pois, a sua origem no mesmo principio hipócrita que predomina ainda. E mesmo depois da sua acertada destruição, quando das providências tomadas em seguida

so horrível desastre do Baquet, a sua influência nefasta se fez sentir, visto que, pelo facto de em seu lugar existir hoje o edificio onde está instalada a Faculdade de Medicina, os rapazes que a frequentam, para manterem uma tradição do passado, verdadeiramente descabida, nos dão todos os anos o triste sintoma de incluir no número das suas festas uma tourada. Foi, pelo menos assim, que alguém me justificou aquele procedimento quando lhe mostrei a minha estranheza por este paradoxo — ver os rapazes que se preparam para uma das profissões mais nobres, pelas muitas ocasiões que têm de poder aliviar sotrimentos, descerem até à categoria reles de lidadores de touros, e portanto de seus carrascos! Realmente chega a parecer impossível que a mocidade estudiosa do nosso primeiro estabelecimento de ensino, onde vão aprender a técnica de uma profissão que tanto altruismo, abnegação e desinterêsse requer, possa ter a mais pequena afinidade com um divertimento que só baixeza de sentimentos mostra pela ferocidade de que é revestido.

Voltando às nossas observações históricas, vemos que, acabado o predomínio do miguelismo e firmada a vitória do constitucionalismo, que representa naquele momento um grande avanço das ideas liberais, novamente o entusiasmo pelas touradas diminuir, fazendo-se propaganda contra elas e conseguindo-se o que nós ainda hoje não tivemos a dita de conseguir — a sua abolição.

Efectivamente, as touradas foram abolidas pelo decreto de 19 de Setembro de 1836, referendado por Manuel da Silva Passos, que o justificava com os seguintes considerandos: «de que as corridas de touros são um divertimento bárbaro e impróprio de nações civilizadas, e que semelhantes espectáculos só servem para habituar o homem ao crime e à crueldade». Isto palavras de um estadista do século XIX, que tinha a verdadeira intuição das coisas e que estaria melhor adaptado à nossa época que muitos dos que para aí se dizem defensores de uma liberdade cuja sombra tentam guardar só para si.

Poucos meses durou também esta proibiçã, visto que em breve foi revogada, mas o que a tentativa revela em si é que não pode deixar de ser devidamente apreciada por todos aqueles que hoje se propõem enfrentar o problema educativo, arredando do seu caminho todos os obstáculos que possam contrariar ou demorar a sua resolução.



Mais tarde, em 1860, quando uma nova fase de progressos morais e materiais se iniciou no nosso país, reapareceu o espirito de revolta contra aquela selvajaria, representado pelo Marquês de Niza, que na Camara dos Pares propôs pela segunda vez em Portugal a necessária abolição das touradas, acusando-as de brutais e até de prejudiciais à agricultura. Depois disso, caminha-se para o reinado do rei caçador e as touradas tiveram, como não podia deixar de ser, o seu natural recrudescimento. ;Pois se até o rei fazia pegas numa tourada em Evora!

Chega-se finalmente ao dia 5 de Outubro de 1910, e com essa etapa gloriosa, que tantas esperanças trouxe ao nosso espirito sonhador, surge a figura verdadeiramente simbólica de Ferrião Boto Machado, apresentando às constituintes, em Agosto de 1911, um projecto de lei abolindo as touradas, que é um documento bem significativo da sua alma de eleição, sempre pronta para a defesa de todos os seres que sofrem. Nos considerandos que faz para a justificação da sua idea tam humanitária, diz: «A República, sob pena de atraiçoar a sua missão civilizadora, não pode nem deve consentir que lhe pervertam e derranquem a alma do povo que fez a generosa revolução de 5 de Outubro, preparando-o e excitando-o para a prática da crueldade e do crime, e para o aumento das estatísticas da delinquência e da população dos hospitais e das cadeias.»

Pois, a-pesar-da autoridade de quem proferiu estas palavras e da grande verdade que elas encerram, a república não se importou de atraiçoar a sua missão, ;continuando a consentir que há mais de 14 anos lhe pervertam a alma do povo nos diferentes circos tauromáquicos, que de ano para ano aumentam, enquanto as escolas vão escasseando! As autoridades que a representam continuam a prestar homenagens verdadeiramente descabidas a matadores de touros, sem ao menos se lembrarem de que faltam assim aos compromissos tomados de educar e libertar o povo.

A-pesar-de tudo, este período não tem sido de retrocesso, e por isso, por mais que os detentores do passado afirmem o contrário, o que é certo é que o entusiasmo pelas touradas tem diminuído muito, como em breve o demonstraremos.

Por agora, e dando por concluidas as nossas observações, feitas assim rapidamente, como não podia deixar

de ser num trabalho desta natureza, creio que chegamos claramente à conclusão de que é verdadeira a afirmação que fiz de princípio, isto é, de que as touradas estão na razão inversa da civilização e que todos os grandes espiritos portugueses, que pela sua superior mentalidade se têm evidenciado, contra elas se têm sempre manifestado. Basta lembrar alguns de que já aqui falei, como o Marquês de Pombal e Passos Manuel, duas figuras verdadeiramente proeminentes do meio social em que viveram, sendo também muito honrosa para a nossa época não só a acção de Boto Machado, a que acabei de me referir, como também a do grande sábio que se chamou Teófilo Braga, cuja vida foi um exemplo para todos, e cuja obra científica é uma verdadeira torrente de luz purificadora.

O illustre democrata, o exemplo vivo de quanto pode o trabalho aliado a uma sã inteligência e a uma grande força de vontade, também era contra as touradas! Não admira que assim pensasse quem como êle tinha uma tão alta compreensão do que deve ser a bondade humana.

Assim, Teófilo, quando em 1889 foi demolida a célebre praça do Campo de Sant'Ana, e nesse mesmo ano foi apresentada à Câmara Municipal uma proposta para ela conceder terreno no Campo Pequeno, a-fim-de ali se fazer uma praça de touros, protestou com toda a energia para que tal concessão se não fizesse, atentos os fins desmoralizadores a que se destinava. Como porém se encontrava desacompanhado na luta, muito embora defendendo a verdade e a razão, foi vencido, e a praça do Campo Pequeno aí está a produzir os frutos que todos nós saboreamos! Ficou contudo assinalada a nobreza do seu gesto, e oxalá que êle nos sirva de estímulo para não esmorecernos na campanha que é preciso encetar.

Dos países onde ainda hoje predomina mais acen-tuadamente o uso das touradas ¿que diremos? ¿Que são os mais progressivos? ¿Os mais igualitários? ¿Aqueles em que as lutas sociais menos se fazem sentir, porque a todos é mais ou menos assegurado o direito à vida? De modo nenhum. Basta saber-se que são a Espanha, Portugal e o sul da França — aqui talvez devido à influência daqueles — os países em que elas mais se exibem, para vermos que ainda estão certas as minhas conclusões. Na Espanha dos conventos, onde ainda hoje é costume dizer-se que «pão e touros é o bastante para calar a

eteraa criança que se chama o povo», e no Portugal, que tantos anos jazeu sob a pata maligna do jesuitismo, ainda são precisas as touradas, para continuarem a viver desafogadamente os senhores que aqueles elementos preponderantes aceitam.

E' preciso não esquecermos que os golpes de Pom- bal, de Joaquim António de Aguiar e da República em 1910 não conseguiram eliminar de vez da nossa colectividade o escalracho do jesuitismo. Ele ai aparece de quando em vez, com maior ou menor intensidade, e usando de todos os processos para atingir o seu único fim: ¡Embrutecer para dominar! E as touradas são para elles, os semeadores da mentira, tam bom elemento, como para nós, divulgadores da verdade, são um dos maiores obstáculos da nossa acção saneadora.

Como prometi demonstrar, entre nós, neste momento, digam o que disserem, tem havido da parte do povo um grande desinterêsse pelos espectáculos tauromáquicos; e daí o desejo claramente expresso de todos aqueles a quem convém a sua continuação de tentarem modificá-los no sentido de uma maior brutalidade, para oferecerem assim maior excitação. Eles bem sabem, os entusiastas das nossas tradições tauromáquicas, a que estão ligados por interêsses de natureza commercial e de predomínio, que quando o povo abandonar o gôsto pelas exhibições selvagens é porque está no caminho da sua emancipação social, que entendem ser preciso a todo o transe evitar.

Daí a generosa idea de fazer touradas com a morte do touro, para reviver tempos passados e, portanto, fazer retrogradar também a massa popular, indispensável para as suster no seu meio de excepção. Mas os tempos mudaram, e por isso estou certa de que os seus fins não serão alcançados; porque a consciência popular está verdadeiramente alvoraçada com os perigos que a ameaçam, e, conhecedora da sua força, há-de agir de forma a desmascarar todos os mal-intencionados.

Se os educadores do meu país estão todos de acôrdo ao afirmarem que as touradas são um grande obstáculo à sublimação dos caracteres que se propõem realizar, o povo não deve esperar mais para organizar as suas fileiras. Deve declarar às touradas uma guerra de morte. Este belo movimento, que por assim dizer tem sido mantido entre nós pela Associação Protectora dos Animais, e possivelmente por quaisquer outras de que eu não tenho conhecimento, foi novamente activado pelo Con-

selho Nacional das Mulheres Portuguesas no seu congresso de educação e feminismo, realizado em maio último. Esta associação, que no referido congresso votou por unanimidade as conclusões de uma tese abolindo as touradas, deve sentir-se verdadeiramente feliz com os elementos que conseguiu congregar em sua volta.

Como sintoma animador, não posso deixar de me referir ao afan com que as classes trabalhadoras do país correram a prestar a sua solidariedade ao movimento iniciado, fazendo dêle a mais elevada propaganda, quere em artigos dos seus jornais, quere em sessões públicas nas sedes dos seus sindicatos. Alguns intelectuais de valor mostraram também o seu desacôrdo, fazendo em alguns jornais afirmações bem concretas a êsse respeito, e as várias associações de carácter educativo existentes definiram bem claramente a sua attitude neste campo. Portanto, mãos à obra, que as probabilidades da vitória são muitas.

Estão lançadas as bases para a fundação de uma liga contra as touradas. O C. N. das Mulheres Portuguesas tem em distribuição umas listas para se angariarem as assinaturas de todos aqueles que estejam de acôrdo com a sua supressão; e, por isso, que todos acorram a manifestar-se, para podermos fazer uma representação aos poderes constituídos, mostrando-lhes com números bem evidentes que as touradas não são o divertimento preferido dos portuguezes, mas sim de um restrito número dêles, o que também se pode provar com o facto, ainda hoje bem notório, das praças de touros se encontrarem mais disseminadas só pelo Ribatejo e Alentejo, não se encontrando em Trás-os-Montes, no Minho e no Algarve. Nesta última provincia são mesmo tam mal aceitos os touros que, em Olhão, se fez uma praça, onde, em 1891, se realizou uma tourada que não conseguiu agradar, tendo o empresário que destruir o circo, sem tentar repetir a experiência.

Portanto, podemos afirmar bem alto, sem receio de desmentidos, que as touradas só interessam uma pequena parte da população do território portuguez, que não são o divertimento predilecto do povo, que delas se está desinteressando, como se prova pela attitude das classes trabalhadoras, neste momento, e que, provada a sua influencia desmoralizadora, elas devem ser suprimidas, proibindo-se o mais rapidamente possível que as crianças as possam frequentar. E' neste sentido que é neces-

sário agir desde já, não se esquecendo ninguém de que, para mostrar a sua repulsa pelas touradas e para conseguir que cessem as explorações da minoria que tem interesse em as conservar, o caminho mais seguro e que nunca falha é o da abstenção. Que cada um em sua casa, na sua oficina, na sua associação, aproveite a oportunidade para mostrar a inconveniência que há em assistir a um espectáculo em que, segundo a opinião do prosador espanhol José Selgas, aparecem sempre 3 feras: o touro, o toureiro e o público, e que os graus de barbaridade de cada um destes brutos pode calcular-se da seguinte forma: o touro é obrigado a ir ali, o toureiro vai por interesse, o público vai espontaneamente, ou, ainda, dá dinheiro. Chegando-se à conclusão de que o touro, sendo atacado, procura defender-se, o toureiro, vendo-se comprometido, lida, o público... diverte-se. Num há instinto, no outro talvez uma certa habilidade e coragem, e no público simplesmente isto — ferocidade. Por isso o mesmo prosador espanhol diz que não há na natureza um monstro que se pareça com o que se forma nas bancadas de uma praça de touros.

A psicologia daquela multidão, ávida de sangue e de brutalidade, transforma realmente o indivíduo num verdadeiro monstro. E' do conhecimento de todos que a estas coisas dedicam alguma atenção o facto vulgar de se originarem graves desordens dentro das próprias praças ou à sua saída, de se praticarem mesmo graves crimes durante os efeitos daquela embriaguez, sendo interessante frisar que, quando na época passada se teimou em realizar entre nós a selvajaria da morte do touro no Campo Pequeno e na Figueira da Foz, um recrudescimento de criminalidade, de verdadeiros requintes de ferocidade se depararam imediatamente aos olhos de quem sabe ligar estes fenómenos nas suas causas produtoras. Mostremos, pois, que queremos ser incluídos na categoria de seres civilizados, porque a isso temos direito, mostrando a nossa mais completa repulsa por tudo quanto nos faça regressar aos primitivos tempos do barbarismo.

E áqueles que nos disserem que as touradas são precisas, porque são uma bela fonte de receita para obras de beneficência, dir-lhe hemos simplesmente o seguinte: que, infelizmente, ainda transigimos com o facto de se organizarem festas para delas se tirar recur-

sos para os seres necessitados, visto que temos de conterporizar com certas anomalias, para não darmos saltos bruscos, que podiam comprometer a marcha disciplinada para o grande dia de amanhã; mas que ao menos se junte o útil ao agradável. Que essas festas produzam o pão indispensável para o estômago e a não menos indispensável luz para os espiritos. Que nem uma só ideia reservada presida à sua orientação, sob pena de serem imediatamente desmascarados os seus falsos organizadores. Que uma única divisa se admitte: *fazer o bem pela bem.*

---



645



I.
P.G. 150